

## O VELHO MUNDO E O NOVO: QUINHENTOS ANOS DE COLOMBO

“A contribuição mais importante das Américas ao Velho Mundo foi distribuir pelo globo uma cornucópia de produtos selvagens e cultivados, especialmente plantas, sem as quais o mundo moderno tal como o conhecemos não seria concebível. Pode-se argumentar que isso não tem nada a ver com cultura. Mas o que cultivamos e comemos, sobretudo quando há um novo tipo de víveres desconhecido em nosso cotidiano, ou mesmo uma forma completamente nova de consumo, deve influenciar, pode até transformar, não só o nosso consumo, mas o modo como vivenciamos outros assuntos. Considerem-se apenas os víveres básicos. Quatro dos sete produtos agrícolas mais importantes no mundo de hoje são de origem americana: a batata, o milho, a mandioca e a batata-doce. (Os outros três são o trigo, a cevada e o arroz).

[...]

Mas, e os produtos do Novo Mundo que não foram meros substitutos de coisas já consumidas no Velho Mundo, mas abriram novas dimensões, novos estilos sociais? Chocolate, tabaco, cocaína? Ou que se tornaram ingredientes básicos de novidades como o chiclete, a Coca-Cola (mesmo que tenha tirado a cocaína de sua composição original) e a tônica do gim-tônica? E as significativas contribuições à farmacopeia médica do mundo, como o quinino, durante muito tempo a única droga capaz de controlar a malária? E os girassóis que Rembrandt e Van Gogh pintaram, os amendoins sem os quais a sociabilidade ocidental moderna seria incompleta - para não mencionar seu uso mais prático como fonte importante de óleos vegetais?.

[...]

Em suma: estamos falando de produtos do Novo Mundo que eram desconhecidos e impossíveis de se conhecer antes da conquista das Américas, mas que transformaram o Velho Mundo de maneira imprevisível e profunda, que continua ainda hoje. A esse respeito posso acrescentar que o Velho Mundo deve mais ao Novo do que as Américas devem à Europa.

O que quero enfatizar é que esses produtos não foram simplesmente “descobertos” pelos europeus, e menos ainda procurados deliberadamente, da maneira como os conquistadores procuravam ouro e prata. Eram produtos conhecidos, colecionados, sistematicamente cultivados e processados pelas sociedades indígenas. Os conquistadores e os colonos aprenderam a prepará-los e usá-los nessas sociedades locais. Na verdade, teria sido difícil ou talvez impossível sobreviver, caso os colonos não tivessem aprendido com os nativos. Até hoje a grande festa simbólica, o dia de Ação de Graças, registra a dívida dos primeiros colonos para com os índios, os quais a civilização branca subsequente se encarregou, em troca, de expulsar. O Dia de Ação de Graças é comemorado com uma refeição preparada basicamente com alimentos do Novo Mundo, que os colonos aprenderam a manusear com os índios, culminando,

como sabemos, no peru.

[...]

Mas outras consequências diretas da conquista e da colonização das Américas ainda estão conosco. Não pertencem a homens famosos nem a governos. Mas transformaram o tecido da vida europeia para sempre. E também a de outros continentes. Quando a história econômica, social e cultural do mundo moderno for escrita em termos realistas, a conquista do Sul da Europa feita pelo milho, do Norte e Leste da Europa pela batata, e das duas regiões pelo tabaco, e mais recentemente pela Coca-Cola, parecerá mais proeminente do que o ouro e a prata em nome dos quais as Américas foram subjugadas”.

HOBSEBAWM, Eric. **O velho mundo e o novo**: quinhentos anos de Colombo. In: *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. São Paulo: Paz e Terra, 1998. p. 405-414.